

## Implementação da Cafeicultura Orgânica e Agroecológica para a Agricultura Familiar da Região de Alto Paraíso de Goiás

LIMA, Paulo César. EPAMIG. plima@epamig.ufv.br; MOURA, Waldênia de Melo. EPAMIG. waldenia@epamig.ufv.br. OLIVEIRA, Jussara Fonseca. EPAMIG. jfonsecadeoliveira@yahoo.com.br; CORRÊA, Eduardo José Azevedo. EPAMIG. eduardo.correa@epamig.br

### Resumo

Essa experiência, iniciada em 2006, teve como objetivo formar parcerias com os produtores, por meio de associações comunitárias, escolas e outras instituições, para estabelecer unidades experimentais nas quais fossem desenvolvidos sistemas integrados de produção orgânica de café em modelos passíveis de capacitação da tecnologia gerada para a região. O trabalho é realizado em uma região considerada como “corredor da miséria”. A região de Alto Paraíso de Goiás faz parte do Território da Cidadania Chapada dos Veadeiros – GO, criado no final de 2008. Nela existem várias propriedades de agricultores familiares onde são encontrados cafeeiros antigos que produzem café de excelente qualidade. Os sistemas de cultivos são parecidos com os orgânicos, porém, muito rudimentares. Essa experiência passa por três fases que poderiam ser denominadas “antes”: a primeira é empolgante, a segunda dispersante e a terceira é a agregante. Essa última foi recentemente iniciada.

**Palavras-chave:** Conhecimento; Pesquisa-ação; Desenvolvimento rural.

### Contexto

O Território da Cidadania Chapada dos Veadeiros – GO faz parte do Bioma Cerrados. Ocorre em altitudes que variam de cerca de 400m, a mais de 1600m, abrange uma área de 21.475,60 Km<sup>2</sup> e é composto por 8 municípios: Alto Paraíso de Goiás, Campos Belos, Cavalcante, Colinas do Sul, Monte Alegre de Goiás, Nova Roma, São João d’Aliança e Teresina de Goiás. A população total do território é de 59.537 habitantes, dos quais 21.398 vivem na área rural, o que corresponde a 35,94% do total. Possui 2.022 agricultores familiares, 925 famílias assentadas, seis comunidades quilombolas e uma comunidade em terras indígenas. Seu IDH médio é 0,68. Essa região foi inicialmente colonizada por garimpeiros, vindos de outros estados principalmente da Bahia. Em 1961 foi criado o Parque Nacional do Tocantins, e em 1985 esse parque reformatado e renomeado a Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros com área de 64 mil hectares. Desde então o ecoturismo tem sido o principal fator de promoção do desenvolvimento regional, embora não seja ainda fator de alavancamento do desenvolvimento da agricultura familiar.

No município de Alto Paraíso e outros da região existem várias propriedades de agricultores familiares onde são encontrados cafeeiros muito antigos. Segundo relatos dos mais velhos os cafeeiros encontrados nos quintais são originados de plantas seculares encontradas nas matas da região. Não sabem exatamente a origem delas. Na época do garimpo o café era utilizado como moeda para compra de utensílios e mantimentos. Os sistemas de cultivos nos quintais são tradicionais, em espaçamentos largos e sob manejo rudimentar, porém, sombreados sob diferentes espécies de árvores de lenha e frutíferas, são sistemas próximos aos empregados nos orgânicos e agroecológicos. Não existem na região lavouras que permitam proporcionar renda às famílias (LIMA et. al., 2009). Mais recentemente foi percebido que esses cafés produziam bebidas de excelente qualidade. Alguns agricultores familiares e comerciantes ligados à exploração turística do município procuraram ajuda da Embrapa em 2006, que, por sua vez, solicitou da EPAMIG o desenvolvimento de tecnologias orgânicas adaptadas às famílias da região.

A proposta iniciou com a formação de parcerias com os produtores, escolas, prefeituras e instituições de pesquisa e de extensão, para estabelecer unidades experimentais em

## Resumos do VI CBA e II CLAA

propriedades familiares, de acordo com a realidade local, nas quais fossem testados sistemas integrados de produção agroecológica e orgânica de café por meio de pesquisa e capacitação participativa. A história desse projeto pode ser observada em três fases. A primeira fase ocorre no início havendo grande **empolgação** das comunidades rurais e da sociedade em geral. Nessa fase os atores são apresentados e percebe-se grande receptividade por todas as partes e um grande interesse em saber “*O que vem por aí?*” Surgem também os questionamentos como, “*esperamos que não seja mais um dos trabalhos que se iniciam, empolgam todos com promessas redentoras e depois nem ficamos sabendo dos resultados [...]*”

Quando as comunidades sentem que existe uma proposta séria, baseada na participação orgânica e ativa, nos interesses, nas necessidades, na experiência e no saber das famílias de agricultores de cada região e local em particular, onde elas, em verdade, serão protagonistas históricas do processo, inicia-se um movimento e sentimento de “poder”, “nós faremos porque podemos”. O ânimo é geral. Com o início dos trabalhos essa empolgação é parcialmente substituída pela **dispersão**, dando início à segunda fase. Não é fácil de explicar. Isso ocorre por várias razões. Nessa experiência, por razões políticas eleitoreiras inclusive. Ela é percebida já no início do processo de aproximação dos pesquisadores nas comunidades de agricultores familiares. Percebe-se um debate nitidamente ideológico, que consegue, de forma maniqueísta, mobilizar e opor partidos políticos, movimentos sociais e governo local, conforme já descrito por Sabourin (2007). A perspectiva do “poder comunitário” bate de frente com a acomodação dos “domínios eleitorais”.

A superação dessa fase exigiu atuações mais pragmáticas à parte dos embates. Atuar nas escolas foi a forma encontrada de iniciar um processo longo e duradouro de construção do conhecimento a partir dos princípios da agroecologia. O desenvolvimento é um processo a ser construído por meio da geração de conhecimento e, se construído coletivamente, gera poder e independência da sociedade. No caso desse projeto há envolvimento das instituições de ensino com seus professores e alunos, da comunidade atuando junto às escolas e das instituições comprometidas com os interesses coletivos (Lima et. al. 2009). Infelizmente algumas comunidades não se envolveram no trabalho nessa fase. O desenrolar do trabalho em si também promove certa dispersão. Não é fácil manter todas as pessoas focadas o tempo todo. Existem alguns interessados que primeiro querem “*ver para crer*”. E existem aqueles naturalmente mais acomodados. Nessa fase, com um número mais reduzido de pessoas, foram definidos os cronogramas de trabalho, os projetos, as metodologias de diagnósticos participativos e suas aplicações, os desenhos e a implantação dos sistemas produtivos.

Um dos processos mais importantes da pesquisa participativa é o empoderamento proporcionado no dia-a-dia durante todas as fases da condução dos trabalhos. Esse processo não ocorre de forma simultânea com todos os agentes envolvidos; isso seria impossível considerando as comunidades. O envolvimento institucional se dá por razões comuns, mas em ritmos e momentos diferentes. Uma outra forma de empoderamento são os eventos para troca de experiências. Finalmente, inicia-se, aqui, a terceira fase que é **agregante**. Isso ocorre com o empoderamento pelas comunidades com as trocas de experiências. Nessa fase além de aumentar o número de participantes, outras comunidades se aproximam.

### Resultados

#### Fase Empolgante

Os primeiros passos ocorreram com a realização do 1º Encontro do café de Alto Paraíso de Goiás em maio de 2006, organizado pela Prefeitura Municipal em parceria com a Embrapa-Café. A EPAMIG apresentou três palestras sobre as experiências da Zona da Mata de Minas Gerais: 1. Sistemas orgânicos e agroecológicos de produção de café; 2. Introdução ao cultivo orgânico de

## Resumos do VI CBA e II CLAA

café; e 3. Resgate e avaliação de cultivares de café no sistema orgânico e agroecológico em comunidades de agricultores familiares.

A partir desse evento ocorreu uma forte mobilização da sociedade local no sentido de solicitar da Embrapa-Café um trabalho embasado no resgate do café que é produzido tradicionalmente nas propriedades, tendo como intenção dar início a um projeto de desenvolvimento rural, por meio de um produto que tem identidade com a história e a tradição dos habitantes da região. Em 2007 foi apresentado o projeto: "Implementação de cafeicultura orgânica para a agricultura familiar de Alto Paraíso de Goiás", sob coordenação da Embrapa e em parceria com a EPAMIG.

### Fase Dispersante

Os trabalhos foram iniciados ainda em 2007 com objetivo de definir as comunidades que fariam parte dos trabalhos iniciais. Em 2008 foram implementados em três comunidades dos municípios de Alto Paraíso de Goiás e São João D'Aliança, GO: **1. Fraternidade**, onde existe uma escola como sede, está localizada a 1100m de altitude, em relevo suave de chapada, onde predominam Latossolos distróficos sob vegetação de savana; **2. Sertão**, também tendo uma escola como sede, está localizado a menos de 700m de altitude, sendo uma área bastante extensa do nordeste de Alto Paraíso. Fica entremeado em depressões de serras e baixadas aluviais. O principal uso das terras fica nessas baixadas, já que as serras são formadas de paredões rochosos; e **3. Vereda**, outra comunidade tendo uma escola como sede, está localizado a 1000, em solos que mesclam Latossolos álicos das elevações com Gleissolos álicos das baixadas semi-inundadas. Em diagnósticos locais realizados junto com os agricultores constatou-se nas comunidades que os cafeeiros existentes se encontram em quintais em números que variam de 50 a 100 pés, dispostos em mosaicos sob as sombras de árvores de lenha e frutíferas, como abacateiros, goiabeiras, bananeiras, citros etc. Para mitigar essa dependência inicial por insumos foram instalados dois experimentos participativos. Seus objetivos foram: 1. Resgatar e selecionar cultivares de café com melhores características de adaptação e produtividade a esses locais específicos; e 2. Selecionar materiais orgânicos e avaliar técnicas de manejo desses materiais disponíveis nas comunidades locais visando incrementar a ciclagem de nutrientes e reduzir a demanda por insumos externos.

### Fase Agregante

Um dos processos mais importantes da pesquisa participativa é o empoderamento proporcionado no dia-a-dia, durante todas as fases da condução dos trabalhos e também pelos eventos para troca de experiências. Isso foi realizado em abril de 2009, por meio de visitas entre as comunidades dos agricultores(as) experimentadores(as) envolvidos no projeto e com a participação de agricultores novos no processo, com os objetivos de promover relatos das experiências, intercâmbio de conhecimentos e visitas às unidades experimentais de café orgânico e agroecológico. Vários agricultores de outras comunidades e de um assentamento (Silvio Rodrigues) no entorno da Fraternidade estiveram presentes nos dois dias do evento, totalizando mais de cinquenta pessoas. Foram notáveis as trocas de experiências, saberes e as orientações passadas entre os agricultores e a decisão deles em criar o "grupo do café", com objetivos de dar início ao desenvolvimento de um plano estratégico para o plantio de novas lavouras e investigar a cadeia produtiva e as alternativas para atingir os mercados especiais. Os agricultores demonstraram que não querem medidas assistencialistas das instituições, mas as parcerias necessárias para a construção coletiva do conhecimento, portanto do poder.



FIGURA1. Três fases que poderiam ser denominadas “antes”: À esquerda é empolgante, a central dispersante e a direita é a agregante.

### Referências

LIMA, P.C.; et al. Agroecologia como base para o desenvolvimento da agricultura familiar. EPAMIG. *Informe Agropecuário*, Belo Horizonte, v. 30, n. 250, maio/jun. 2009.

SABOURIN, E. Que política pública para a agricultura familiar no segundo governo Lula? *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 22, n. 3, p. 715-751, 2007.